

O Brasil perde pontos entre os credores

Os bancos comerciais americanos terão de registrar como prejuízo mais 20% de seus empréstimos de médio e longo prazos ao Brasil, informa de Washington **Paulo Sotero**. A decisão do governo, tomada após uma reunião regular da Interagency Country Exposure Risk Committee (ICERC) há duas semanas, está sendo comunicada agora aos bancos.

Esta é a segunda reclassificação dos ativos brasileiros em poder dos bancos dos EUA. Em julho último, quando a segunda moratória iniciada pelo governo Sarney completou um ano, as autoridades de Washington haviam colocado a dívida brasileira na categoria **value impaired** (valor prejudicado) e ordenado o registro de 20% de prejuízo.

Os bancos americanos detêm um terço dos US\$ 50 bilhões que o Brasil deve aos credores privados. A decisão de Washington forçará os sete maiores credores americanos representados no comitê de bancos a registrar perdas de aproximadamente US\$ 1,5 bilhão. Todos já haviam se preparado para essa possibilidade, mas a medida representará nova pressão sobre o capital dos bancos.

A decisão do ICERC parece refletir principalmente a falta de confiança das autoridades dos EUA nos planos de estabilização da economia brasileira.

Curto prazo

Mas a situação dos créditos externos de curto prazo para financiar o comércio exterior melhorou nos últimos dias, revela o repórter **Fábio Pahim Jr.** A maior disponibilidade de créditos acompanha o avanço das negociações entre o Brasil e os credores sobre os juros atrasados.

“O mercado deixou de ceder e a tendência é de ligeira ascensão das linhas”, afirmou ontem o diretor superintendente do Banco Antonio de Queiroz, José Au-

O presidente do Banco de Tóquio, Takanori Susuki, estima que as linhas de crédito de sua instituição podem até aumentar.



gusto de Queiroz. “Não há grande mudança nas linhas de exportação, e os bancos brasileiros (que repassam os créditos de bancos internacionais) têm operado normalmente”, assegurou.

As conversações desenvolvidas em Nova York pelo negociador extraordinário da dívida, embaixador Jório Dauster, são decisivas para todo o crédito externo brasileiro. Mas a proximidade do vencimento das linhas obrigatórias para o comércio (Projeto 3 de renegociação), no dia 30 de abril, não está causando maiores problemas.

O Banco de Tóquio, por exemplo, que tem US\$ 300 milhões emprestados ao Brasil para financiar essas linhas, não pensa em reduzi-las — elas poderão eventualmente até aumentar, conforme o avanço das conversações, como revelou o presidente do banco, Takanori Susuki. “O mesmo pode não ocorrer, entretanto, com bancos que não têm bases de operação com o Brasil”, advertiu.